

**Andreia dos Santos Diogo**

andreia.net5@hotmail.com

**Estudo de uma pulseira romana do Museu  
Monográfico de Conimbriga – Museu Nacional**

## Resumo

Encontrada durante escavações arqueológicas nas ruínas e integrando a coleção do Museu Monográfico de Conimbriga – Museu Nacional, a pulseira objeto de estudo apresenta uma estrutura base em ouro e ornamentação com contas, constituindo um belíssimo exemplar de joalheria romana. A partir da sua observação, a olho nu e com recurso a lupa binocular, e da revisão de literatura selecionada, apresentam-se alguns apontamentos sobre os seus materiais, técnicas de fabrico e ainda de história e simbologia que lhe possam estar associadas. A metodologia adotada seguiu os conhecidos modelos para o estudo de objetos/artefactos de Edward Fleming (1974), Jules Prown (1982), Robert Elliot et al. (1994) e Susan Pearce (1994). Como principal resultado apresenta-se a divergência de opiniões quanto ao material das contas presentes na pulseira.

**Palavras-chave:** Joalheria romana; Pulseira em ouro e contas; Museu Monográfico de Conimbriga – Museu Nacional; Estudo de objeto.

## Nota biográfica

Andreia dos Santos Diogo é licenciada em História com Menor em Geografia (2015) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Mestre em Museologia (2018) pela mesma instituição. Em 2019 foi premiada pela Associação Portuguesa de Museologia na categoria “Estudo sobre Museologia”.

## Abstract

Found during archaeological excavations in the ruins and integrating the collection of the Monographic Museum of Conimbriga – National Museum, the bracelet object of study presents a base structure in gold and ornamentation with beads, constituting a beautiful example of roman jewellery. Through observation, with the naked eye and using a stereoscopic microscope, and from the selected literature review, some notes are presented on the materials, manufacturing techniques, history and symbology that may be associated with the bracelet. The methodology adopted followed the well-known models for the study of objects/artefacts of Edward Fleming (1974), Jules Prown (1982), Robert Elliot et al. (1994) and Susan Pearce (1994). The main result is the divergence of opinions regarding the material of the beads present in the bracelet.

**Keywords:** Roman jewellery; Gold bracelet and beads; Monographic Museum of Conimbriga – National Museum; Object study.

## Biographical note

Andreia dos Santos Diogo has a degree in History with a minor in Geography (2015) from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto and a Master's in Museology (2018) from the same institution. In 2019 she was awarded by the Portuguese Association of Museology in the category “Study on Museology”.

## Introdução

No contexto da unidade curricular Estudo e Gestão de Coleções, do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi lançado aos estudantes o desafio de estudar um objeto museológico. No presente caso, a escolha desse objeto acabou por recair no âmbito da joalheria, nomeadamente numa pulseira de ouro romana da coleção do Museu Monográfico de Conimbriga – Museu Nacional (MMC – MN). Com este texto, pretende-se a partilha sumária dos aspetos essenciais do estudo desenvolvido. Após a indicação dos objetivos e da metodologia inerente ao estudo, apresenta-se, de forma breve, contexto das ruínas de Conimbriga, local onde a pulseira foi encontrada, e do Museu Monográfico, onde se encontra em exposição. Como resultados, apresenta-se a pulseira objeto do estudo, focando na sua descrição, materiais e técnicas de fabrico, história e simbologias e relações. Por último, tecem-se algumas considerações finais e indicam-se as referências utilizadas.

## 1. Objetivos

A nível de objetivos, e de forma a reunir o máximo de informação sobre o objeto, elencaram-se os seguintes:

- Descrever o objeto, evidenciando a diferença entre aquilo que se vê a olho nu e o que se vê recorrendo a uma lupa binocular;
- Identificar os materiais que o constituem;
- Identificar os seus processos de fabrico;
- Localizar o objeto no tempo e no espaço;
- Entender a sua simbologia, na época romana e atualmente;
- Perceber as relações que estabelece com outros objetos e com os seus observadores.

## 2. Metodologia

A metodologia de trabalho assentou em três momentos. Em primeiro lugar foi necessário elaborar um modelo que orientasse o estudo do objeto. Para isso, em muito contribuiu a análise dos modelos de estudo para objetos/artefactos dos autores Edward Fleming (1974), Jules Prown (1982), Robert Elliot et al. (1994) e Susan Pearce (1994). O modelo elaborado, e adaptado destes últimos, embora se encontre organizado por fases, não apresenta uma direção obrigatória na elaboração das ideias, uma vez que se considera que o estudo de um objeto pode começar por qualquer uma das suas fases. Esta sugestão de modelo encontra-se esquematizada na Tabela 1, juntamente com a proposta de algumas questões que se podem colocar ao objeto, de forma a obter as informações pretendidas.

Tabela 1 – Proposta de modelo para o estudo da pulseira em ouro, a partir dos modelos de Edward Fleming (1974), Jules Prown (1982), Robert Elliot et al. (1994) e Susan Pearce (1994).

Fases	Questões
<b>Descrição</b> (dimensões, materiais, articulação do objeto, forma, construção)	Quanto mede? Quanto pesa? De que materiais é feito? Como é feita a organização desses materiais? Que forma apresenta? Por quantas partes é constituído? Que métodos foram usados na sua construção?...
<b>História</b> (função, uso, proveniência)	Qual a sua função? Mantém essa função nos dias de hoje? Apresenta marcas de uso? Qual a sua origem? Como chegou ao local onde se encontra atualmente?...
<b>Simbologias e relações</b> (comparação com objetos semelhantes, relação com o ambiente, contexto atual e com o observador)	Qual o seu significado? O que representa? Como interage com o ambiente à sua volta? Que ambiente é esse? E com o observador? Que emoções/sentimentos desperta?  Existem objetos semelhantes? O que nos dizem?...
<b>Observação direta do objeto aliada à consulta de literatura científica</b>	

Elaborado o modelo, seguiu-se para o segundo momento: A recolha e leitura de literatura científica sobre a temática da joalheria romana, sobretudo sobre a pulseira em estudo. Já o terceiro e último momento remeteu para a observação direta do objeto, inicialmente a olho nu e, depois, através de uma lupa binocular.

### **3. O contexto: As ruínas e o Museu Monográfico de Conimbriga – Museu Nacional**

De acordo com Alarcão (1999), as origens de Conimbriga, em Condeixa-a-Velha, a sul de Coimbra, situam-se algures entre o II e o I milénio a.C. e os vestígios arqueológicos mais antigos descobertos nas ruínas desta cidade datam do século IX. A instalação dos romanos nesta zona verificou-se durante a reestruturação do governo de Hispânia e o estabelecimento de Emerita Augusta (atual Mérida em Espanha) como capital da Lusitânia. Através de Correia e Ruivo (2012-13) e de Coelho (2016), sabe-se que, embora os primeiros apontamentos a revelar interesse pelas ruínas desta antiga cidade romana possam ser encontrados em escritos do século XVI, foi apenas a partir de 1929 que as escavações arqueológicas ganharam um carácter sistemático.

Com a descoberta, em 1939, da atual Casa dos Repuxos e perante a qualidade dos mosaicos aí encontrados, levantou-se o problema da sua salvaguarda e da generalidade dos vestígios arqueológicos. A solução chegaria com o Professor Vergílio Correia, colocando-se a hipótese de se construir um museu em Conimbriga (Alarcão, 1989). Este acabaria por ser inaugurado no ano de 1962 com a missão de: (i) Assegurar a proteção e conservação das ruínas, promovendo a sua exposição pública; (ii) Promover e prosseguir a investigação arqueológica; (iii) Prestar serviços ao público no domínio da conservação e restauro; (iv) Contribuir para a gestão do território e desenvolvimento local (Correia & Ruivo, 2012-2013, p. 142).

O Museu Monográfico de Conimbriga – Museu Nacional (MMC – MN) é a instituição responsável pelas ruínas, com elas constituindo um todo orgânico e institucional (Correia, 2008). Encontrando-se entre os lugares mais reconhecidos da Hispânia Romana, Conimbriga é considerada a maior e mais bem conservada estação arqueológica romana de Portugal (Coelho, 2016). A pulseira, objeto de estudo, provém de escavações arqueológicas realizadas antes de 1962 (França, 1969, p. 17) e integra a coleção do MMC - MN.

#### 4. Joias romanas. Pulseiras

Segundo Cardozo (1961), desde o Paleolítico que se usam objetos de adorno, como colares com conchas de moluscos, vértebras de peixes e dentes de animais (p. 51). No Eneolítico e alvares da Idade do Bronze surgiram as primeiras joias de ouro, cobre e prata, começando-se também a utilizar artigos de vidro como adorno. A tendência para a necessidade de adorno e embelezamento pessoal é algo característico de todos os tempos e povos (pp. 50, 52).

O uso de joalheria na Antiguidade Clássica era reservado, predominantemente, ao sexo feminino e consistia em diademas, ornamentos para o cabelo, brincos, pendentes e colares, anéis, pulseiras e enfeites na roupa. Os pins, as fíbulas, os broches e os botões podiam também ser considerados como joalheria, caso fossem feitos com metais preciosos (Higgins, 1961). As mulheres exibiam sempre uma joia ou adorno, de acordo com as modas que eram ditadas em Roma pela casa Imperial (Garcia, 1999), chegando a usar, em simultâneo, vários pares de brincos e diversos anéis em todos os dedos das mãos (Alarcão & Ponte, 1994).

Os conjuntos de joias encontrados nas sepulturas e ainda achados em sítios arqueológicos permitem conhecer o que seriam os exemplos da joalheria utilizada na Lusitânia romana (Correia et al., 2013). Embora em Conimbriga não se tenham encontrado joias valiosas e os objetos de ouro, ou até de prata, sejam raros, é possível entender os hábitos, gostos e crenças do povo romano, o seu nível e origem social, através dos objetos de adorno expostos no MMC - MN, nomeadamente colares, anéis e pulseiras (Alarcão & Ponte, 1994). Não obstante, não é possível estabelecer uma linha coerente de evolução da joalheria romana conhecida em Portugal e, portanto, em Conimbriga, em parte devido ao facto de, no conjunto geral, se encontrarem peças de produção regional e outras provavelmente importadas, fruto das típicas movimentações de bens e pessoas na altura (Correia et al., 2013).

Quanto às pulseiras, em sintonia com França (1969), ou, em modo geral, aos anéis colocados nos braços e pernas (p. 48), o seu uso constituiu-se um costume desde os povos mais antigos. No entanto, as opiniões quanto ao seu uso na época romana são

distintas. A referida autora (França, 1969) afirma que as pulseiras não só eram usadas pelas mulheres romanas como também foram objeto de adorno masculino, onde imperadores como Calígula ou Nero fizeram uso delas (p. 49). Por seu lado, Correia et al. (2013, p. 145) consideram que, no período romano, a pulseira não era um objeto muito comum, não sendo particularmente prezado.

Relativamente ao processo de fabrico, as pulseiras eram semelhantes aos colares, apenas mais curtas, e eram feitas de ouro, prata, bronze, ferro, marfim, âmbar, coral, vidro, pasta vítrea, entre outros materiais. Algumas eram abertas e aderiam ao braço por simples pressão, enquanto outras eram constituídas por dois segmentos cujas extremidades, de grossura desigual, penetravam uma na outra. Quanto ao tipo de fecho, este podia fazer-se de diferentes formas, através de anéis, ganchos, discos, cabeças de animais, ou por uma grande gema (Correia et al., 2013, p. 135; França, 1969, pp. 49-51).

Em Conimbriga, a maioria das pulseiras encontradas é modesta (Alarcão & Ponte, 1994). É possível organizá-las segundo o material principal e agrupá-las, depois, de acordo com a sua forma e/ou fecho, tal como exposto na Tabela 2.

Tabela 2 - Organização das pulseiras encontradas em Conimbriga em função do seu material e tipo de fecho, de acordo com França (1969, pp. 51 – 61).

Material	Grupos de pulseiras
Bronze	Fecho em gancho Fecho por torção De aro com decoração linear De remate serpentiforme
Vidro	De aro liso e secção em D De aro canelado De aro torcido
Prata	De aro cilíndrico
Ouro e Pedras	De elos de ouro decorada
Osso	Filiforme

## 5. A pulseira, objeto de estudo. Resultados.

### 5.1. Descrição

“Cadeia de elos decorados com contas discoides de cor verde sombrio; remata, num dos lados, por um gancho; no outro, por um pingente troncocónico de cor vermelho sombrio” (Museu Monográfico de Conimbriga, 1965). É desta forma que o objeto de estudo é descrito na sua ficha de inventário A 399, realizada em maio de 1965 pelo Professor Jorge Alarcão, o que, de certa forma, acaba por representar aquilo que se observa à primeira vista, sem se impor grande detalhe descritivo.

Como mostra a Figura 1, a estrutura base desta pulseira é constituída por uma cadeia de aros de ouro, ornamentada por cinco contas em vidro (ou em berilo) e terminando numa das extremidades com um gancho e na outra com uma granada. Pesa 1,18 g e, quando totalmente estendida, mede 15,5 cm. A figura mostra ainda a forma como o objeto se apresenta quando exposto no MMC - MN.



Figura 1 - Pulseira romana em ouro e ornamentada com contas. Em primeiro plano a placa de identificação da pulseira, na vitrina onde se encontrava exposta, com o número 407, em 2016. Em segundo plano, a pulseira, com destaque para o gancho no lado esquerdo e o pingente do lado direito. MMC – MN © Andreia Diogo, 2016.



A olho nu, a cadeia de ouro não apresenta marcas de uso ou danos, mas o mesmo não acontece quando examinada com recurso a lupa binocular, onde as marcas se tornam evidentes, constituindo-se por “arranhões” no material, alguns aparentando uma certa profundidade.

Embora pareça estar construída seguindo um padrão, é possível observar, em dois momentos, um desvio no mesmo, havendo uma sequência de três aros de ouro quando se deveria observar uma sequência de dois aros, um segmento linear de ouro, e depois outros dois aros. Para além deste desvio no padrão da cadeia principal, há ainda a referir que os aros não têm todos a mesma largura, nem são completamente circulares. De igual forma, as estruturas lineares também não apresentam o mesmo comprimento ao longo da cadeia, o que pode ter diversas justificações.

Relativamente aos ornamentos da pulseira, nomeadamente as contas, estas já não se apresentam na sua totalidade, mas isso não impossibilita a compreensão da sua disposição pela cadeia, uma vez que parece claro que em cada segmento linear de ouro se deveria encontrar uma pequena conta, como evidenciado, por exemplo, na pulseira/colar romana da coleção do The British Museum, com o número de museu 1917, 0601.2754 (Marshall, 1911; The British Museum, 2022b).

Estas contas não são completamente idênticas umas às outras e não mantiveram a estrutura arredondada supostamente inicial, pelo que algumas apresentam falta de material. De igual modo, apenas é possível perceber que a superfície das contas é rugosa com o auxílio de uma lupa. Quatro das cinco contas apresentam cor verde, enquanto a quinta, que se encontra mais perto da extremidade com o pingente, apresenta uma cor claramente mais azulada.

Já a granada, posicionada numa das extremidades da pulseira, não apresenta quaisquer tipos de marcas, nem mesmo quando observada à lupa, apresentando uma cor vermelho-sangue. Relativamente ao gancho, para além de algumas marcas no material e visíveis à lupa, não se detetam quaisquer outros danos ou irregularidades, pelo contrário, tem-se a realçar a forma muito precisa com que foi elaborado.

### 5.1.1. Materiais

Tal como referido anteriormente, o objeto de estudo é constituído por ouro na sua estrutura base, por uma granada, como pingente, e por contas de vidro ou berilo. Os próximos parágrafos apresentam uma breve descrição de cada um destes materiais. Infelizmente, não é possível enunciar com exatidão de que material, ou variedade no caso da granada, se trata nem a sua proveniência.

#### Ouro

Situado no grupo onze da tabela periódica, com símbolo Au e número atómico 79, o ouro é muitas vezes associado à designação de «vil metal» (Cardozo, 1957, p. 6). Desde os tempos mais antigos que é um metal valorizado (Oliver, 1966), devido à sua raridade e incorruptibilidade (p. 269). Durante a época Imperial foi extraído das minas peninsulares com muita abundância e, embora os romanos o aplicassem na joalheria, vasos e estátuas, a maioria era amodado (Cardozo, 1957, p. 19).

Em Portugal existem vários vestígios de exploração do ouro, embora, em certos casos, não se consiga provar que os trabalhos eram romanos por falta de achados arqueológicos. Porém, das minas onde é possível ter essa certeza, sabe-se que entre as mais importantes estão as localizadas em Tresminas, em Vila Pouca de Aguiar (Alarcão, 1988).

#### Granada

Na joalheria antiga, as pedras/gemas eram usadas em conjunto com o ouro ou individualmente, formando, elas próprias, artigos de adorno. Nos tempos romanos eram usadas pelas suas qualidades mágicas e decorativas, pois acreditava-se que detinham poderes (Higgins, 1961).

A granada presente na pulseira em estudo constitui um bom exemplo deste tipo de adereço. Sendo um grupo de silicatos isomorfos de vários minerais, apresenta uma dureza de 6,5 - 7,5 na escala de Mohs e fórmula química genérica  $X_3Y_2(SiO_4)_3$  onde X corresponde a cálcio (Ca), ferro (Fe), magnésio (Mg) ou manganês (Mn), o Y a alumínio

(Al), crómio (Cr) ou ferro (Fe), o Si a silício e O a oxigénio (Laboratório Nacional de Energia e Geologia, 2020).

Alarcão (1988, p. 140) afirma que as únicas pedras semipreciosas de cuja exploração existe prova em Portugal são as granadas do Suímo, extraídas na região de Belas em Sintra, e que, segundo Cachão et al. (2010, p. 3), eram da variedade Piropo.

### **Vidro ou berilo**

As contas que a pulseira apresenta suscitam algumas dúvidas quanto ao seu material, uma vez que alguma bibliografia refere que são feitas de vidro, exemplo de França (1969) e de Alarcão e Ponte (1994), enquanto outra, mais recente, nomeadamente Correia et al. (2013), indica tratar-se de berilo.

O vidro antigo era um composto de sílica ( $\text{SiO}_2$ ), óxido de cálcio (CaO) e carbonato de sódio ( $\text{Na}_2\text{CO}_3$ ) (Higgins, 1961), usado não só no fabrico de pulseiras e anéis, mas sobretudo para imitar pedras semipreciosas e para fazer contas. Estas podiam apresentar variadas formas e cores (Alarcão & Ponte, 1994).

Já o berilo é um ciclossilicato de berílio (Be) e alumínio (Al), com dureza 7,5 - 8 na escala de Mohs e que existe em cristais transparentes cuja variedade de cores deu origem a diferentes designações, por exemplo Gochenite (sem cor), Morganite (rosa), Água-marinha (azul-esverdeado), Heliodoro (amarelo) ou Esmeralda (verde), entre outras (Klein & Dutrow, 2012, p. 588). Das pedras usadas na joalheria antiga salienta-se a Água-marinha, rara e tipicamente usada pelos romanos (Higgins, 1961).

#### **5.1.2. Procedimentos e técnicas de fabrico**

A joalheria clássica romana era naturalista e figurativa, confeccionada em linhas planas e simples ou com motivos florais elaborados, usando técnicas decorativas como a filigrana e a granulação (Marques, 2014). Já os processos técnicos do trabalho do ouro não sofreram grandes alterações desde o II milénio a.C. até ao período do auge romano, com exceção de algumas ferramentas. As principais a serem usadas eram

bigornas de metal ou pedra, martelos, estampas e moldes, cinzéis, tenazes, abrasivos, entre outros.

No caso de o ouro ter como destino a elaboração de joalharia, para além de passar por todo o processo inicial de exploração e preparação, teria ainda de passar pelos processos decorativos, podendo estes envolver a adição do mesmo metal, a adição de outras substâncias ou a remoção de metal (Higgins, 1961).

No caso específico da pulseira em estudo, não é, obviamente, possível contactar o seu fabricante e questioná-lo sobre os procedimentos e técnicas usadas na sua criação, pelo que qualquer interpretação que se faça neste âmbito deriva de uma observação dos métodos gerais romanos no trabalho e criação de joias. De igual forma, não existem dados que permitam saber quem terá sido o fabricante desta peça, uma vez que a mesma não apresenta qualquer marca de autoria.

## 5.2. História

A palavra pulseira remete, automaticamente, para um adereço de pulso (ou de tornozelo), o que significa que a palavra em si é suficiente para imaginar o objeto e a uma das suas principais funções – a ornamentação.

Fabricada na época romana, numa cronologia situada algures entre o século I a.C. e o século V d.C., e qualquer que tenha sido a sua função primordial (ornamentação e/ou proteção), a pulseira em estudo não exerce mais a mesma. Conhece-se a cronologia para o seu fabrico e sabe-se, de forma geral, os procedimentos e técnicas usados para tal, fruto de se saber quais os materiais que a constituem. No entanto, não existem dados que possibilitem localizar no espaço esse fabrico, se terá sido no território ou redondezas de Conimbriga ou em qualquer outro lugar com artesãos romanos, embora as suas matérias-primas existissem e fossem exploradas em Portugal, como visto anteriormente. De igual forma não se sabe por quem, nem por que motivos foi adquirida.

Embora não seja possível chegar ao seu local de criação, é possível estabelecer uma cronologia e proveniência desde que foi considerada achado arqueológico, pelo que, “o Senhor Loreto diz que o pai a encontrou na zona C,10 sob a lanterna” (Museu Monográfico de Conímbriga, 1965). Esta zona corresponde ao peristilo da Casa de Cantaber, no complexo das ruínas de Conimbriga, que, tendo sobrevivido até à época final da cidade romana, foi atribuída a Cantaber, uma família notável que poderia estar envolvida na administração de Conimbriga, tendo em conta o tamanho da casa e o conjunto termal privado (Alves, 2020, pp. 6-7). A pulseira viria depois a integrar a coleção do Museu Monográfico, tendo saído temporariamente das instalações deste para integrar a exposição *Hispania el legado de Roma*, em Saragoça em 1998 e em Mérida em 1999 (MatrizNet, 2010).

No entanto, o défice metodológico verificado nessa altura, não havendo relatórios das escavações que tiveram lugar, não permite estabelecer uma data precisa para a descoberta desta pulseira. A indicação de que a mesma foi encontrada na zona C,10 da Casa de Cantaber, resultado de escavações antigas e anteriores a 1962, juntamente com a informação de que se realizaram escavações na área dessa casa entre 1873 e 1899 e mais tarde, entre 1930 e 1944 (Alves, 2020, p. 15), leva-nos, hipoteticamente, a acreditar que a descoberta arqueológica se possa ter dado num desses períodos.

### 5.3. Simbologias e relações

Tentando responder a algumas questões sobre o objeto em estudo, nomeadamente quanto aos aspetos que apontam para tratar-se de uma peça de joalheria romana, apresenta-se, nesta última fase, a sua comparação com objetos semelhantes, quer da coleção do MMC - MN, quer de coleções de outras instituições museológicas. Aborda-se também a nossa relação com o objeto, como visitante do museu, elencando alguns dos sentimentos e emoções que desperta em nós, apreciando-o à luz dos nossos dias.

A ficha de inventário deixa perceber que a pulseira se encontraria na vitrina 11 do museu, catalogada com o número 407. Atualmente encontra-se na vitrina “Adorno

peçoal” com o número 58, sendo o único exemplar em ouro nessa vitrina, pelo que as restantes são de outros materiais, nomeadamente bronze ou prata. Esteticamente, estas pulseiras também não se assemelham ao exemplar, no entanto, a sua presença transmite a ideia de variedade de materiais, formatos e cores da joalharia romana. O facto de não se terem encontrado em Conimbriga mais exemplares de pulseiras de ouro pode corroborar a ideia de Correia et al. (2013) de que a joalharia não foi o meio privilegiado de expressão da riqueza entre os romanos, mesmo que se apresentasse constituída por materiais valiosos, como é o caso.

Por outro lado, comparando este exemplar com outros existentes em coleções, por exemplo do The British Museum, é possível encontrar peças semelhantes, embora em tipologias diferentes, isto é, encontram-se mais facilmente colares com sistema de fecho, material, forma e ornamento semelhantes aos observados no objeto de estudo, do que propriamente pulseiras ou braceletes (Marshall, 1911; The British Museum, 2022a).

Observando esta pulseira, numa ótica de visitante, ela desperta certos sentimentos e sensações. No caso, provocou, primeiramente, uma sensação de contraste, quando comparada com os outros exemplares de adorno presentes na mesma vitrina, ostentando um ar mais “frágil”, devido ao seu reduzido tamanho e espessura do material. O segundo foi, em oposição, a modernidade, devido ao facto de lembrar as pulseiras que se usam atualmente, como se o standard de fabrico não se tivesse alterado. Outro intelecto despertado foi a imaginação. Olhar para a pulseira e na nossa mente criar a sua história, imaginando como e quem terá sido o/a seu/sua portador/a, a forma e motivação para ter sido adquirida, a cobiça a que terá sido sujeita ou pelo contrário, a forma banal como poderá ter sido vista.

São estes pequenos fragmentos de imaginação e sensações que se sentem ao observar o objeto que evidenciam o nosso fascínio por ele e o desejo de o observar um pouco mais. Ao mesmo tempo, percebemos as simbologias que lhe atribuímos hoje em dia, que poderão corresponder, ou não, às simbologias que lhe eram associadas na altura em que fora criado.

## Considerações finais

Apresentou-se como principal objetivo para este texto, a partilha de informação relativa ao estudo de uma pulseira em ouro, considerando para tal, três fases: descrição, história, simbologias e relações. Ao longo da primeira fase a atenção centrou-se nos aspetos físicos do objeto, fazendo nota da sua forma, articulação, dimensões, materiais e construção. Na segunda fase tentou-se traçar a sua função, uso e possível proveniência. Já a terceira, e última fase, remeteu para as simbologias associadas ao objeto, estabelecendo-se relações com o ambiente onde se encontra, a comparação com objetos semelhantes, elencando ainda algumas das sensações que a sua observação desperta.

Ao longo do texto colocaram-se, por vezes, algumas situações hipotéticas, ou seja, assume-se a especulação, uma das etapas propostas por Prown (1982) no seu modelo de estudo. Essas situações hipotéticas, em forma de questões, resultaram da falta de dados exatos, mas considera-se serem necessárias para o estudo de um objeto. O colocar mais questões leva a que se procurem respostas e é nessa procura que se consegue, muitas vezes, afinar certos detalhes importantes ou, até, encontrar respostas a questões que ainda não tinham sido formuladas. Tal verificou-se, a título de exemplo, ao abordar os materiais da pulseira, pois o facto de se saber que o pingente é uma granada levou-nos à procura de informação sobre esse material. Foi nessa procura que se percebeu que existem vários tipos de granadas, e, embora se tenha procurado informação sobre cada um desses tipos, a certeza da variedade presente na pulseira continua por atingir. De igual forma, tem-se o facto de não ser possível perceber a quem pertenceu a pulseira e, portanto, não se saber o tipo de uso que sofreu, quantas vezes foi usada, em que situações, etc.

Reconhece-se, assim, que alguns temas não foram abordados tão profundamente como esperado, não tendo sido possível obter a resposta a todas as questões presentes no modelo de estudo. Mais uma vez, devido à falta de dados disponíveis e dos meios para os obter, mas também da inexperiência neste tipo de estudo. No entanto, há que reconhecer a importância deste tipo de exercício, pelo que se

considera tratar-se de uma prática interessante para a observação e estudo mais pormenorizado dos objetos museológicos, aquando das visitas a museus.

Colocar ao objeto as questões apresentadas na Tabela 1, ou quaisquer outras, irá permitir que se pense no objeto em determinadas situações e contextos, despertando a curiosidade para a sua história, funções, uso e simbologias.

## Agradecimentos

Ao Museu Monográfico de Conimbriga, na figura do seu diretor à altura do estudo, o Doutor Virgílio Hipólito Correia, pelo auxílio prestado, nomeadamente ao permitir o acesso ao objeto de estudo e aos recursos para o seu correto manuseamento e estudo.

À Professora Doutora Alice Semedo, regente da unidade curricular Estudo e Gestão de Coleções do Mestrado de Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por ter proposto o exercício aos seus estudantes.

## Referências

- Alarcão, A. (1989). O sítio de Conimbriga e o seu Museu Monográfico. *Museum*, 161(1), 22-24.
- Alarcão, A. (1999). Conimbriga. In Ministerio da Educação e Cultura (Ed.), *Hispania el legado de Roma: En el Año de Trajano (475-479)*. Primera.
- Alarcão, A. & Ponte, S. (1994). *Museu Monográfico de Conímbriga: Coleções*. Instituto Português de Museus.
- Alarcão, J. (1988). *O domínio romano em Portugal*. Publicações Europa-América.
- Alves, R. A. R. (2020). *A Casa de Cantaber em Conímbriga: Estudo do espólio das campanhas de escavação de 1979-1998* [Relatório de Estágio, Universidade de Coimbra]. Repositório digital da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/93799>



- Cachão, M., Fonseca, P. E., Carvalho, R. G., Carvalho, C. N., Oliveira, R., Fonseca, M. M. & Mata, J. (2010). A mina de granadas do Monte Suímo: De Plínio-o-Velho e Paul Choffat à actualidade. *Revista Electrónica de Ciências da Terra*, 18(20), 1-4. [http://mcprojectos.fc.ul.pt/suimo/Cachao\\_et\\_al\\_2010\\_Suimo\\_CG.pdf](http://mcprojectos.fc.ul.pt/suimo/Cachao_et_al_2010_Suimo_CG.pdf)
- Cardozo, M. (1957). Das origens e técnicas do trabalho do ouro e sua relação com a joalheria arcaica peninsular. *Revista de Guimarães*, 67(1-2), 5-46. <https://www.csarmento.uminho.pt/site/s/rgmr/item/56856#?c=0&m=0&s=0&cv=0>
- Cardozo, M. (1961). Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal. *Revista de Guimarães*, 71(1-2), 50-63.
- Coelho, F. M. M. (2016). *O sítio arqueológico de Conímbriga: Proposta de um novo museu* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório digital da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/30909>
- Correia, V. H. (2008). Conímbriga: Oitenta anos de um projeto. *Al-Madan*, 11(16), 71-81. <http://hdl.handle.net/10400.26/28004>
- Correia, V. H. & Ruivo, J. (2012-2013). Conímbriga: História, gestão e protecção de uma cidade romana. *Arqueologia & História*, 64-65, 141-152. <http://hdl.handle.net/10400.26/19557>
- Correia, V. H., Parreira, R., & Silva, A. C. F. (2013). *Ourivesaria arcaica em Portugal - O brilho do poder*. Clube do Coleccionador dos Correios.
- Elliot, R. et al. (1994). Towards a material history methodology. In S. M. Pearce (Ed.), *Interpreting objects and collections* (pp. 109-124). Routledge. [https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan\\_Pearce\\_Interpreting\\_Objects\\_and\\_Collection.pdf](https://is.muni.cz/el/1423/jaro2013/SAN105/um/Susan_Pearce_Interpreting_Objects_and_Collection.pdf)
- Fleming, E. M. (1974). Artifact study: A proposed model. *Winterthur Portfolio*, 9, 153-173. <http://jnsilva.ludicum.org/Marta2.pdf>
- França, E. A. (1969). Anéis, braceletes e brincos de Conímbriga. *Conímbriga*, 8, 17-64. <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/45909>
- Garcia, R. C. (1999). La Joyería. In Ministerio da Educación e Cultura (Ed.), *Hispania el legado de Roma: En el Año de Trajano* (pp. 377-383). Primera.
- Higgins, R. A. (1961). *Greek and roman jewellery*. Methuen.

Klein, C. & Dutrow, B. (2012). *Manual de ciências dos minerais* (R. Menegat, Trad.).

Bookman. <https://dageoufba.files.wordpress.com/2013/08/manual-de-cic3aancia-dos-minerais-klein-e-dutrow.pdf>

Laboratório Nacional de Energia e Geologia. (2020-2022). *Bases de dados –*

*Mineralogia*. <https://geoportal.ineg.pt/pt/bds/geobases/>

Marques, I. V. L. R. A. (2014). *Estudo para aplicações de filigrana portuguesa em acessórios de moda*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro].

Repositório Institucional da Universidade de Aveiro.

<https://ria.ua.pt/handle/10773/13187>

Marshall, F. H. (1911). Catalogue of the jewellery, Greek, Etruscan, and Roman, in the Departments of Antiquities, British Museum. The Trustees of The British

Museum. <https://archive.org/details/catalogueofjewel00brit>

MatrizNet. (2010). *Ficha de inventário*.

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=101346>

Museu Monográfico de Conimbriga. (1965). *Inventário geral*. Número A 399.

Oliver, A. (1966). *Greek, Roman, and Etruscan jewelry*. The Metropolitan Museum of Art Bulletin, 24(9), 269-284.

[http://www.metmuseum.org/art/metpublications/the\\_metropolitan\\_museum\\_of\\_art\\_bulletin\\_v\\_24\\_no\\_9\\_may\\_1966#](http://www.metmuseum.org/art/metpublications/the_metropolitan_museum_of_art_bulletin_v_24_no_9_may_1966#)

Pearce, S. M. (1994). Thinking about things. In S. M. Pearce (Ed.), *Interpreting objects and collections* (pp. 125-132). Routledge. [https://cpb-us-w2.wpmucdn.com/portfolio.newschool.edu/dist/2/14941/files/2017/06/Interpreting\\_Objects\\_and\\_Collections-qtv11g.pdf](https://cpb-us-w2.wpmucdn.com/portfolio.newschool.edu/dist/2/14941/files/2017/06/Interpreting_Objects_and_Collections-qtv11g.pdf)

[https://cpb-us-w2.wpmucdn.com/portfolio.newschool.edu/dist/2/14941/files/2017/06/Interpreting\\_Objects\\_and\\_Collections-qtv11g.pdf](https://cpb-us-w2.wpmucdn.com/portfolio.newschool.edu/dist/2/14941/files/2017/06/Interpreting_Objects_and_Collections-qtv11g.pdf)

Prown, J. D. (1982). Mind in matter: An introduction to material culture theory and method. *Winterthur Portfolio*, 17(1), 1-19.

<https://www.jstor.org/stable/1180761>

The British Museum. (2022a). *Collection online*.

<https://www.britishmuseum.org/collection>

The British Museum. (2022b). *Necklace; bracelet*.

[https://www.britishmuseum.org/collection/object/G\\_1917-0601-2754](https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1917-0601-2754)